

Ele tinha título de nobreza,
casa de campo e um
Rolls-Royce branco. Mas
Hugh Rodley não era
o que parecia...

O REI DA FRAUDE



Uma hora da tarde de sábado, 2 de outubro de 2004; na cidade de Londres, há um silêncio mortal. Dois homens – um com um *laptop*, o outro de rabo de cavalo – chegam à porta da sede europeia do banco japonês Sumitomo Matsui Banking Corporation. Alguém lá dentro, após ajustar os sensores de movimento das câmeras de circuito fechado de TV para que eles não sejam vistos, deixa-os entrar.

Graças a essa mesma pessoa, “Laptop” e “Rabo de Cavalo” haviam instalado *softwares* de captura dos toques do teclado nos computadores do banco. Assim, registraram senhas e detalhes das contas dos clientes, informação que agora recolheriam.

POR TIM BOUQUET



Johnnie Lounds
Lounds
OF THE YEAR OF



L229 million
Lounds
Lounds
K.A.
T9qE
nc/V"
hkHeE
K.A.
9qE
s7?9 s8"4N[nc/V
imKLT9qEp\sixE/95

Eles entram no *site* da SWIFT, Society for Worldwide Interbank Financial Telecommunication (Sociedade de Telecomunicação Financeira Interbancária Mundial), usada por 8 mil entidades para transferir dinheiro pelo mundo inteiro. Com as senhas roubadas, acessam as contas da Toshiba International, do Nomura Asset Management e de outras grandes empresas, e as esvaziam. Os recursos vão para outros bancos, onde foram abertas contas em nome de empresas falsas que fingem vender de tudo, de computadores a óleo vegetal.

Primeiro, 13 milhões de libras vão para uma conta em Liechtenstein, depois, 19 milhões para bancos na Espanha; 57 milhões são transferidos para contas em Dubai, inclusive 10 milhões para a empresa de vestuário Laxmi Devi Trading, que tem o nome da deusa hindu da riqueza. Outras transações são feitas em Hong Kong, Turquia, Israel e Cingapura.

Depois de deixar instruções para transferir do Sumitomo 229 milhões de libras, eles conferem os formulários e clicam em “enviar”. Em seguida, vão embora, congratulando-se por terem cometido o maior roubo de banco da história do Reino Unido.

O REI



om o chapéu e a gravata-borboleta de sempre, Lord Hugh Rodley, 57 anos, desce do Rolls-

Royce branco diante da Mansão Tudor, a casa de 2 milhões de libras em Tewkesbury, Gloucestershire, e é rece-

bido por sua mulher, Lady Pamela. A mansão, onde ele dá festas luxuosas, fica num terreno de dois hectares, com pasto e estábulo para os cavalos premiados que a filha Natasha monta em eventos equestres pelo país.

Mas aquele homem forte com bigode de leão-marinho não é tão respeitável quanto parece. Um casal de seus 60 anos da Irlanda do Norte investiu 40 mil libras numa empresa de Rodley que vendia franquias internacionais de cartões telefônicos. Quando a empresa faliu, o casal contratou detetives particulares e descobriu que Rodley abri- ra pelo menos 30 empresas, todas as quais tinham falido misteriosamente. O irlandês lesado lhe escreveu pedindo as economias de volta. A carta de resposta de Rodley dizia: “Pretendo processá-lo por calúnia e difamação.”

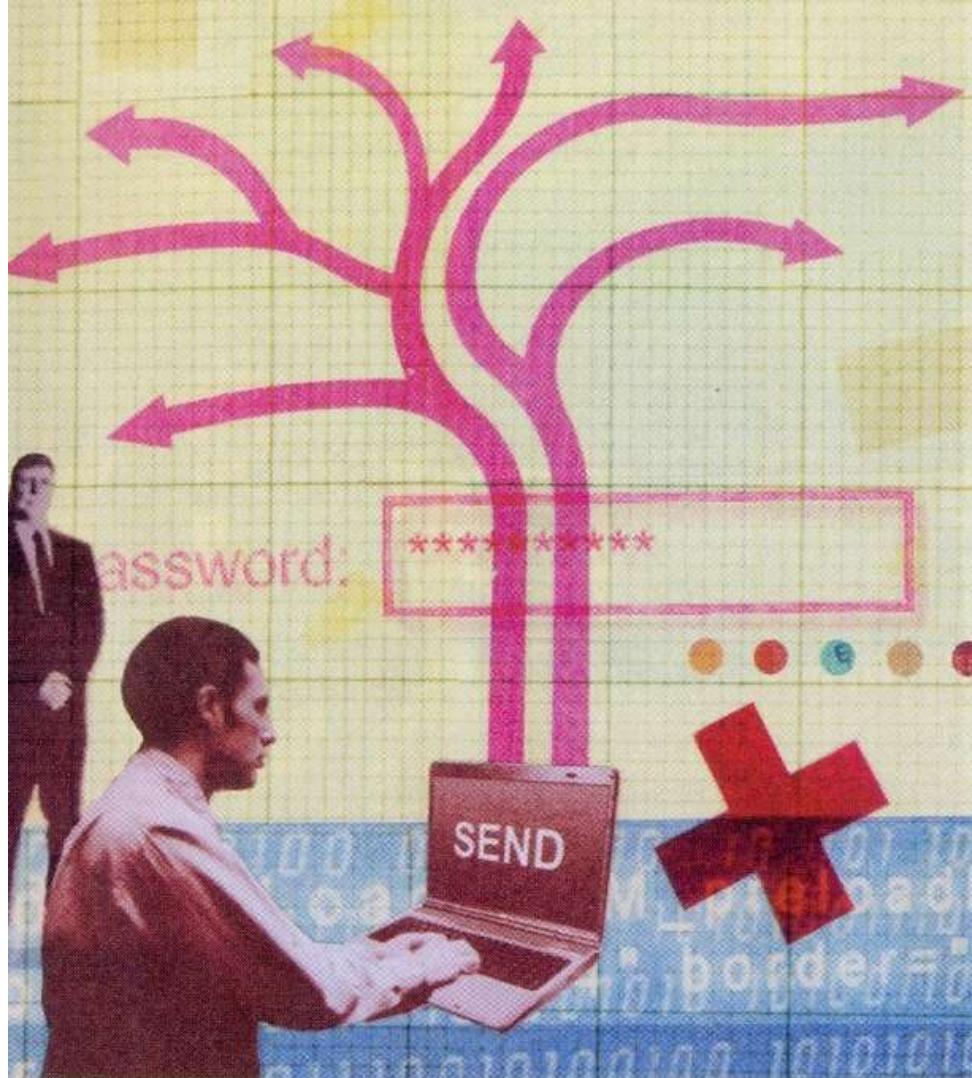
O PRIMEIRO ERRO



inutos depois de voltar ao trabalho, na segunda-feira, 4 de outubro, os funcionários do Su-

mitomo viram que as telas estavam vazias e que os cabos de rede tinham sido cortados ou removidos. Laptop e Rabo de Cavalo acharam que, nas várias horas necessárias para fazer o sistema voltar a funcionar, os 229 milhões de libras já estariam seguros nos bancos de destino, de onde poderiam ser retirados em quantias menores, mandados para outras contas e, depois, lavados.

No meio da manhã, a equipe de informática já pusera o sistema para funcionar. Centenas de mensagens acumuladas durante o fim de sema-



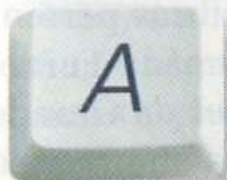
zados Graves), trabalha secretamente no mundo inteiro combatendo fraudes internacionais, tráfico de drogas, contrabando de pessoas e extorsão. Quando o telefone tocou pouco antes do almoço, em 4 de outubro, o investigador-chefe de crimes eletrônicos, identificado aqui como Paul, mandou uma equipe de investigadores ao Sumitomo.

Boa parte das mais de 50 horas de gravações do circuito interno de TV durante o fim de semana estava vazia ou parcialmente apagada.

na inundaram as telas. Uma era da SWIFT e se referia aos 229 milhões de libras: “Houve um erro de codificação. Favor confirmar que as transferências foram autorizadas.”

Os ladrões tinham cometido um erro no preenchimento do formulário. Por isso, o dinheiro ainda estava em segurança na conta dos clientes do Sumitomo. Agora o banco tinha de tomar uma decisão: ficar em silêncio para não prejudicar a boa reputação da instituição ou chamar a polícia para impedir que os ladrões usassem a mesma tática em outro banco. Decidiram chamar a polícia.

COMEÇA A CAÇADA



britânica SOCA, Serious Organised Crime Agency (Agência contra Crimes Organi-

Mas os investigadores tiveram sorte: as câmeras do lado de fora do prédio não tinham sido mexidas. A gravação mostrava dois homens sendo recebidos pelo gerente de segurança Kevin O’Donoghue.

O’Donoghue, 33 anos, começara a trabalhar no banco em março. Na delegacia, a princípio negou ter estado no banco quando o roubo aconteceu. Mas, confrontado com a prova no vídeo, mudou de história: “Eu estava num bar quando um cara apareceu, me mostrou fotos da minha mãe, do meu irmão e da minha mulher, e disse que, se eu não ajudasse esses dois a entrar no banco, eles teriam de agir.”

Mas os investigadores encontraram outra câmera em que o gerente não mexera. Na gravação, ele ria com os visitantes enquanto mexiam nos teclados.

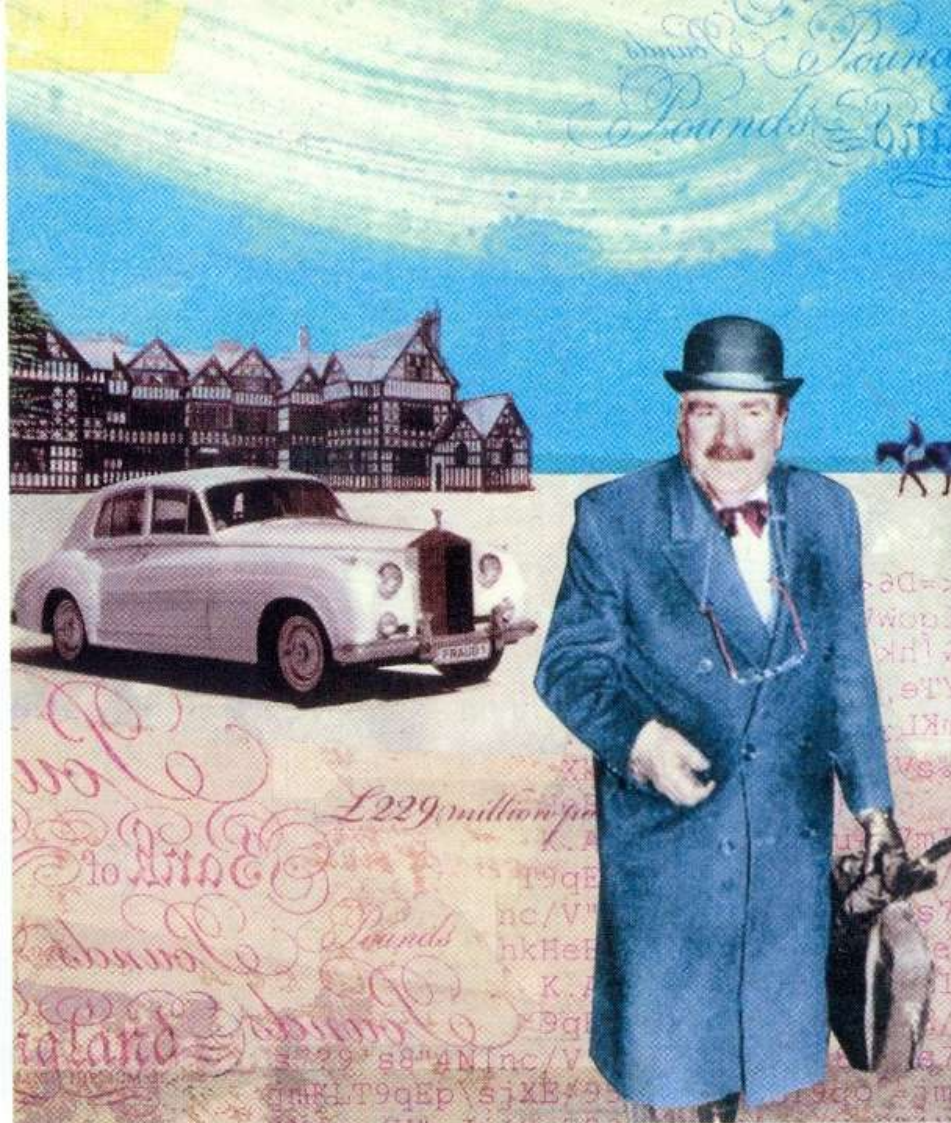
O'Donoghue se recusou a identificar os visitantes até que, sob pressão, deixou escapar que achava que eram belgas. Depois disso, ficou de boca fechada.

O registro dos telefonemas mostrava que ele ligara para muitos números belgas. Todos teriam de ser investigados, o que poderia levar bem mais de um ano. Paul temia que os ladrões tentassem outro banco, mas, enquanto isso, tudo o que a unidade de crimes tecnológicos poderia fazer era avisar os bancos e os departamentos de polícia do mundo todo acerca do assalto ao Sumitomo e torcer para que nada acontecesse.

O SEGUNDO ERRO

Então, em 12 de outubro de 2004, os investigadores receberam um telefonema do Emirates Bank International PJSC, em Dubai. Dois homens tinham tentado transferir uns 11 milhões de libras da conta de uma empresa de vestuário para uma conta em outro banco. Tinham apresentado o fax de uma carta de autorização no papel timbrado do Sumitomo, mas o banco desconfiou. Não era a forma comum de liberar uma quantia tão alta.

O nome da empresa de vestuário era Laxmi Devi Trading. E os 11 milhões de libras não estavam lá.



Imediatamente, Paul pediu uma cópia do fax. O número de origem no alto mostrava que ele fora enviado para Dubai de uma loja de fotografias na rua principal de Cheltenham, em Gloucestershire, no domingo, 3 de outubro, dia seguinte à tentativa de assalto.

A moça que trabalhava na loja ajudou a polícia a compor um retrato falado dos dois homens. Um era grande, de meia-idade, com bigode e chapéu-coco. O outro era mais baixo e robusto, de cabeça raspada e cavanhaque.

Mais bancos abriram as portas para a SOCA. Outra conta que deveria receber do Sumitomo a transferência de mais de 26 milhões de libras pertencia a uma empresa chamada Furze-field, no Banco Santander da Grande Canária. Parece que essa empresa só

servia para receber e distribuir dinheiro. Um dos seus diretores era David Nash, nome que também aparecia em outras contas.

A SOCA começou a investigar secretamente todos os que tinham esse nome no Reino Unido até que encontrou um homem de 42 anos, dono de uma *sex shop* no Soho, em Londres. Ele também usava o nome David Coyne, que aparecia em outras contas beneficiadas pela tentativa de roubo do Sumitomo. Já havia sido condenado por roubo, furto, estelionato e posse e venda de drogas. O histórico das suas viagens mostrou que estivera na Grande Canária no verão de 2004, na mesma época em que fora aberta a conta da Furzeffield. E, em 4 de outubro, ele visitara um banco espanhol na companhia de mais dois homens e tentara acessar uma das contas destinatárias do Sumitomo.

Em março de 2006, os agentes da SOCA finalmente conseguiram encontrar Nash em Miami. Era robusto, de cabeça raspada e cavanhaque, e pareceu quase aliviado de ter sido pego. Quando lhe perguntaram sobre a Furzeffield, disse que fora enganado para ser o laranja. “Prometeram me pagar para aparecer como diretor dessa e de outras empresas. Nunca recebi nada.” Admitiu saber que aquilo fazia parte de um plano maior, mas insistiu:

– Não sou santo, mas como é que alguém entra numa instituição financeira e sai com todo esse dinheiro?

– A nossa esperança era que você nos dissesse – afirmou um investigador. Nash deu de ombros. – Em 4 de outubro de 2004 – continuou o investigador –, você visitou um banco na Espanha com mais dois homens. Consultou o saldo de uma conta, esperando encontrar milhões de libras, mas a conta estava zerada. O dinheiro do Sumitomo nunca chegou, não foi?

– Fui apenas o motorista – disse Nash –, e só me informaram o mínimo necessário.

– Quem eram os outros dois?

– Hugh Rodley e o seu parceiro, Bernard Davies. É com Rodley que vocês têm de falar. O plano foi dele.

As declarações de Nash não eram suficientes para condenar Rodley, e então a SOCA manteve sigilo e continuou seguindo Nash e Davies.

Lord Rodley decidira que suas duas filhas precisavam de roupas novas de montaria para fazer a melhor figura possível nos eventos equestres do verão. No setor de esporte da famosa loja Harrods, em Londres, seguiu para onde estavam selas, calças e botas.

– Como prefere pagar? – perguntou a vendedora.

– Com cartão – disse Rodley, abrindo a carteira. Tirou um cartão que vinha usando muito.

– Obrigada, Sr. Nash – respondeu a vendedora.

Até então, Rodley acumulara dívidas de 27 mil libras usando a identidade de Nash.

Três dias de busca na Mansão Tudor revelaram ainda mais surpresas.

FIM DO JOGO



m julho de 2006, Paul recebeu um telefonema de Bruxelas, de um detetive

da Polícia Jurídica Federal da Bélgica. Ele vira as imagens do circuito fechado de TV do Sumitomo.

“O sujeito de rabo de cavalo é Gilles Poelvoorde. Tem 29 anos, mora em Lille e na Antuérpia e afirma ser empresário. Mas está no nosso banco de dados ligado a casos de estelionato com identidade falsa.”

O histórico telefônico de O'Donoghue mostrou que ligara muitas vezes para Poelvoorde, cujas viagens ao Reino Unido coincidiam com as visitas ao Sumitomo, reveladas pelo circuito interno de TV desde 16 de setembro de 2004. Seu companheiro de viagem, cujo número também aparecia regularmente no telefone de O'Donoghue, era Jan Van Osselaer, técnico de computador de 27 anos da cidade de Sint Niklaas, em Flandres. Era ele o homem do *laptop*.

Os detetives investigaram mais profundamente as atividades de Rodley. Embora o seu nome não fosse citado em nenhuma das empresas falsas, ele visitara com frequência todas as cidades onde as contas bancárias tinham sido abertas. Agora, com os seus movimentos vigiados, Rodley foi visto se encontrando com Tommy Adams, integrante de uma famosa família de gângsteres que fizera fortuna com drogas e extorsão.

Os policiais da SOCA chegaram à Mansão Tudor em 14 de novembro de 2006 e prenderam Lord Rodley. Durante horas de interrogatório, ele se manteve calmo e lúcido, insistindo que todas as empresas eram legítimas e que não sabia nada sobre as contas bancárias beneficiadas.

- Fale sobre a sua reunião com Tommy Adams no Holiday Inn de Finchley, em 23 de setembro de 2004.

- Foi uma compra de diamantes legítima - respondeu Rodley.

Mas Paul descobrira que Poelvoorde também tivera um encontro com Tommy Adams. Embora Adams não estivesse envolvido no golpe do Sumitomo, agora a SOCA tinha uma ligação clara entre Rodley e Poelvoorde.

Os três dias de revista na Mansão Tudor revelaram ainda mais: correspondência em papel timbrado da empresa Furzeffield.

“Mande imprimir papel timbrado para Nash”, afirmou Rodley, que não conseguiu explicar por que tinha acesso à correspondência confidencial da empresa. Outros documentos o ligavam em definitivo a empresas que supostamente negociavam imóveis e autopeças, criadas para receber dinheiro do Sumitomo por meio das contas beneficiadas.

Mas a maior surpresa foi a análise das impressões digitais de Rodley: o homem de chapéu-coco não era aristocrata e nascera na Irlanda em 1947 com o nome de Hugh James McGeough. Com esse nome, passou 15 meses preso em 1980 por falsificação e por obter mercadorias com documentos

falsos. Em 1987, foi condenado em três processos por estelionato. Comprou a Mansão Tudor e o título de lorde (ambos legalmente) com recursos obtidos na carreira de estelionatário e especialista em lavagem de dinheiro.

No fim, houve uma reviravolta. Em 16 de janeiro de 2009, Bernard Davies, 74 anos, se suicidou, dois dias antes da data marcada para o julgamento dele, de Rodley e de Nash. Numa carta, escreveu: “Quando um parceiro passa a perna na gente, a gente enquadra ele.” Não entrou em detalhes, mas revelou que, no dia em que se matou, Rodley se encontrara com ele e Nash no bar The Volunteer, em Waltham Abbey, Essex, e implorara aos dois que mentissem no julgamento. “Se vocês disserem que fui à loja e mandei o fax para Dubai, serei considerado culpado.”

No tribunal, Nash confirmou que ele e Rodley tinham mandado o fax para Dubai. Rodley, hoje com 61 anos, negou-se a depor. O seu golpe acabara.

Van Osselaer, Poelvoorde (hoje preso na Bélgica por outra fraude) e

**O juiz
descreveu
o plano
como
“desonesto
em escala
gigante”.**

O’Donoghue já tinham assumido a culpa. Receberam penas de três anos e meio a quatro anos e meio de prisão. David Nash foi condenado a três anos de prisão por formação de quadrilha para transferir propriedade de criminosos. Hugh Rodley, apelidado Rei da Fraude, está

cumprindo pena de oito anos de prisão por formação de quadrilha e estelionato. O produtivo golpista levava os *hackers* Laptop e Rabô de Cavalo até o banco japonês e planejava a rede global de empresas falsas e contas bancárias, chamada no julgamento de “ousada e sofisticada”, para receber os milhões do Sumitomo. O juiz o chamou de “diretor-executivo” de um golpe que demonstrava “desonestidade em escala gigantesca”.

A SOCA já congelou 1,7 milhão de libras do patrimônio de Rodley e planeja novas ordens de confisco dos bens do criminoso. Durante 15 anos, depois de sair da prisão, ele terá de apresentar, de seis em seis meses, a contabilidade detalhada da sua renda e do seu patrimônio. Tudo o que não puder explicar legitimamente lhe será tirado.

REEDUCAÇÃO

Eu estava prestes a partir para a Escola de Aspirantes, então, de brincadeira, disse à minha família que iria ter de aprender tudo de novo: comer, dormir, tomar banho, me comportar e me barbear. Foi aí que o meu irmão, que naquela época estava planejando o seu casamento, murmurou:

– Eu também...

Holden Dunham, EUA